

## Estações (d)e Correspondências

*Maria Aparecida Pinto*<sup>1</sup>

### Resumo

A história da comunicação relaciona-se com o desenvolvimento dos mecanismos de transportes de mercadorias e de produtos. As informações viajavam nas primeiras rotas de comércio por meio de profissionais encarregados por levar mensagens, cartas ou pacotes. O surgimento e o desenvolvimento das locomotivas a vapor facilitou o processo de entregas destes produtos. Desta forma, o presente artigo possui como objetivo abordar como a música *Correio da Estação do Brás* de autoria de Tom Zé apresenta um breve relato de uma modalidade de comunicação e de informação – o correio - em um período histórico e em uma das regiões mais conhecidas do país, o Bairro do Brás em São Paulo.

**Palavras-chave:** *História da Comunicação; Correio da Estação do Brás; cartas.*

### Introdução

A comunicação é o processo essencial para as interações entre seres vivos de modo que não há como quantificar ou qualificar as diferentes formas de comunicação presentes na história humana, entretanto alguns tipos destacam-se pela dinâmica que os compõem fazendo com que possam ser estudados dentro da análise científica e alcancem significativa divulgação e adoção nas ações da vida cotidiana. A história da comunicação é retratada em ensaios, resenhas, livros e artigos acadêmicos, mas também se encontra em produtos culturais de maior divulgação e com um acesso mais simplificado como filmes, programas televisivos, jornais impressos e em músicas. Nos variados gêneros destas produções,

---

<sup>1</sup> Bolsista de Iniciação Científica do Projeto “O enquadramento do sujeito e dos movimentos sociais no jornal Estado de Minas”, por intermédio do Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal de Ouro Preto. Cursa o 7º período do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto e é membro do Grupo de Pesquisa, certificado pelo CNPq, “Linguagem, Narrativas, Processos Jornalísticos e Culturais”. E-mail: mariajornalismo2009@yahoo.com.br.

podem ser trabalhados aspectos importantes do próprio conceito de comunicação e de como este se desenvolveu ao longo do tempo nos diferentes tipos de espaço, de sociedades e em influência das tecnologias peculiares de cada época.

Neste artigo, o ponto importante localiza-se na relação entre comunicação e transporte no sentido da informação que era carregada juntamente com mercadorias e produtos por intermédio de pessoas designadas na profissão como responsáveis pela execução desta tarefa. Em ofício semelhante, havia mensageiros e garotos de recado, além do transporte de cartas e pacotes por meio do correio. Atualmente, as estradas de informação são outras e não podem ser percorridas a cavalo; caminhos que não podem ser vencidos a vapor.

A informação transmitida nas ruas (em carros de som, em feiras livres, em centros comerciais populares), entretanto, prevalece, assim como os cartazes colados em postes e muros, por exemplo, um dos muitos aspectos que conferem às vias públicas o caráter de fonte de informação sobre parte do que está acontecendo no espaço vivenciado pelo cidadão. As ruas dizem muito, mas há a necessidade de apuração dos dados, assim, sair à rua em busca da notícia é uma das características mais antigas do fazer jornalístico – uma das principais áreas da comunicação - que compõe o que é ser jornalista, deste modo, percebe-se como a identidade desta profissão constrói-se em cima da corrida por fatos e por informações.

Todos estes mecanismos mantêm relação com o transporte de informação, noticiar é divulgar dados com potencialidade de influência sobre a vida diária do sujeito social. Desta forma, as estradas permanecem no tráfego informacional, mas se diferenciam das vias ferroviárias e rodoviárias que prevaleciam anteriormente. Na próxima seção, aborda-se a relação da música *Correio da Estação do Brás* com a História da Comunicação no que se refere ao transporte de correspondências por meio de pessoas que viajam para feiras e também no papel que os escritores de cartas representaram em um passado recente. Neste sentido, é importante lembrar que o principal precursor do jornal impresso – um dos símbolos fundamentais da história comunicacional – é a carta – que veicula informações de ordem diplomática, comercial, além de assuntos pessoais.

Assim, o objetivo da análise é abordar como a música de autoria de Tom Zé apresenta um breve relato deste tipo de comunicação e de informação – o correio - em um período histórico no Bairro do Brás em São Paulo. Com esta finalidade, realiza-se primeiramente uma abordagem das implicações entre correspondência e os meios de

transporte com destaque para a relação da informação com a construção e desenvolvimento das ferrovias no cenário mundial.

### Pacotes de Vapor

A música *Correio da Estação do Brás* (Tom Zé, 1978) relaciona-se de formas distintas com o desenvolvimento do transporte de informações, desta forma, o próprio nome da música pode ser associado ao fato de que o fluxo de dados, inicialmente, era o mesmo que o fluxo de transporte de cargas e de passageiros. Quando se menciona o aspecto de um correio na estação, refere-se ao sistema postal caracterizado por pontos ao longo das rotas de transporte. As “malas postais” eram transportadas, em muitos casos, por meio de locomotivas e assim havia o correio da estação.

As locomotivas eram um dos modos de transporte mais conhecidos do século XIX. Sendo uma forma de transporte em construção e implantação na Inglaterra, Estados Unidos e Índia. As locomotivas relacionavam-se com a comunicação, mesmo com a quebra do vínculo entre transporte e comunicação com a invenção do telégrafo em 1837. Esta relação pode ser vista no fato de que ‘uma das locomotivas que integraram os protótipos de trens a vapor de 1829 - vencida pela “Foguete”, de George Stephenson, palavra com futuro no século XX - foi denominada “Novidade”, vocábulo ainda favorito no século XIX’ (BRIGGS e BURKE, 2006:115).

Na próxima seção, constrói-se um breve histórico sobre o Bairro do Brás, em São Paulo, abordando o processo de surgimento e desenvolvimentos desta localidade e as particularidades que a singularizam como as ferrovias e as imigrações de estrangeiros facilitadas pela presença das estradas de ferro. Posteriormente, pessoas de outras regiões do país mudaram-se para a o Brás a procura de oportunidades de melhoria das condições de vida. É, neste momento, que há uma “virada” no cenário do bairro que perde as características de período áureo em que se encontrava.

A finalidade desta seção é contextualizar o processo de análise da música, uma vez que a história da região é responsável pelas conotações e denotações que a letra da música possibilita inferir e que são tratadas na seção “Letra de Música” em que se analisa descritivamente a canção considerando o contexto histórico da região neste período e as implicações que a obra apresenta no que se refere à história da comunicação como o registro da profissão de escritor de cartas também denominado de escritor público que realiza o trabalho do “correio gratuito”, hoje, em vias de extinção.

## Um bairro Brás

A referência ao Bairro do Brás em São Paulo não aparece ingenuamente na música. O bairro localizado na Zona Leste da cidade começou a ser ocupado no século XVIII. O terreno considerado devoluto abrigou sítios e chácaras das elites da cidade, mas havia também casas de negros ex-escravos. Realizado este pequeno histórico do surgimento do bairro, trata-se da questão primordial deste trabalho.

O Brás encontrava-se também em um encontro de caminhos dentro da antiga São Paulo. O caminho para a Freguesia de Nossa Senhora da Penha, estrada que mais a frente ligava a capital paulista à capital federal, cruzava a região. Este fato serviu de apoio para a construção de duas estações férreas, inauguradas durante a década de 1860, no bairro. Uma delas fazia parte da ferrovia Central do Brasil, que levava ao Rio de Janeiro, enquanto a outra era parte da São Paulo Railway, estrada de ferro que ligava a zona cafeeira do estado ao porto de Santos. Lourenço Diaféria afirma que “o Brás passou a ser considerado um bairro de verdade com a chegada dos trilhos ferroviários. Antes ele tinha mais cara de um subúrbio de localização privilegiada” (DIAFÉRIA, 2002: 143 *apud* MARRA, 2007:3).

As ferrovias facilitaram o processo de imigração, com destaque para a que fazia parte da São Paulo Railway. Esta foi a porta de entrada para europeus, principalmente, italianos e asiáticos. O processo ocorreu devido à política adotada pelo Brasil que defendia a substituição de mão de obra escrava pelo trabalho de imigrantes. Muitos italianos instalaram-se no bairro e prosperaram, assim, havia um clima de urbanização e de riqueza. Considera-se a década de 1950 como o apogeu deste processo. Entretanto, no início do século XX, o número de imigrantes italianos sofre declínio, entretanto, a região continua a receber pessoas de outras localidades.

Em 1920, inicia-se a migração de nordestinos para o Brás. Fugindo da seca, sem qualificação profissional e discriminados pela população do sudeste brasileiro, as perspectivas de sucesso eram poucas. Deste modo, muitos possuem como alternativa morar nas ruas ou em cortiços do bairro. Configura-se, assim, um contexto popular que marca a região a partir do ano de 1950. O cenário altera-se de forma drástica.

As indústrias que sustentavam economicamente o bairro começam a abandoná-lo e, por conseguinte, as famílias de italianas mais prósperas. Galpões das fábricas desativadas passam a serem então ocupadas por lojas de serralheria, ferragens, e outros produtos de pouco valor simbólico agregado. O comércio ambulante instala-se no principal largo do bairro, o Largo da Concórdia. A prostituição passa a ser constante. A este momento do bairro - que perdura até os dias atuais - muitos daqueles que consideram o período anterior - quando os italianos predominavam - como seu apogeu, chamam de decadente. Este contraste entre o imaginário do Brás como bairro de italianos e o Brás dos nordestinos perdura não só dentro de São Paulo, mas também fora da cidade (MARRA, 2007: 4).

A música em questão não “chora” o período áureo do Brás, mas dirige-se ao novo contexto que este apresenta. O disco *Correio da Estação do Brás*, de 1978, caracteriza o bairro por “seu aspecto de cidade do interior da Bahia ou Pernambuco em dia de feira” (Tom Zé: 1978 *apud* MARRA, 2007: 4). Em meio à variedade de produtos oferecidos e serviços prestados pelos ambulantes que se instalaram no bairro, encontra-se o escritor de cartas. Este é retratado na música do compositor baiano e é o cerne deste trabalho.

No Largo da Concórdia, o “correio gratuito” tinha seu ponto fixo. E as cartas iam e voltavam. Para aqueles que não sabiam escrever ou ler, havia os que “redigiam” ou os “intérpretes”. Até que em 1978, o ponto de desembarque para o norte do país se transferiu da Rua Cavalheiro para o ponto rodoviário do Glicério (DELLA MÔNICA, 1992:120 *apud* MARRA, 2007: 6).

O personagem é característico pelo pregão, uma espécie de anúncio. Em outros termos, trata-se da oferta de serviço realizada por meio da fala. Anteriormente, havia a predominância de anúncios em voz alta que publicitavam os produtos oferecidos pelos comerciantes ambulantes. Assim, peixeiros, garrafeiros, vendedores de queijo, batata doce entre outras mercadorias gritavam as ofertas chamando a atenção de uma possível clientela<sup>2</sup>. Comerciantes como sorveteiros e pipoqueiros cantavam versinhos com a mesma finalidade<sup>3</sup>. Neste sentido, Pedro Silva Marra considera a canção *Correio da Estação do Brás* como um “pregão de anúncio dos serviços deste correio gratuito” (2007: 6). Este tipo de serviço pode ser associado ao trabalho de escritor público apresentado por Asa Briggs e Peter Burke.

Daí vem a importância do que se chama “letramento mediado” - em outras palavras, o uso do letramento para o benefício dos iletrados. Nas cidades daquele período, ocupação comum - como na cidade do México ou em Istambul hoje, ou pelo menos até há pouco tempo - era a de escritor público, pessoa com um “escritório” na rua, compondo ou escrevendo cartas para gente que não sabia escrever. Em Paris, por exemplo, alguns desses homens trabalhavam no cemitério dos Inocentes. O viajante inglês John Evelyn (1620-1706) descreveu a imagem desses indivíduos “redigindo cartas para pobres criadas e outras pessoas ignorantes que vinham pedir conselhos e escrever para o interior, para namorados, pais e amigos, servindo como mesa a pedra mais alta do túmulo”. Na Finlândia do século

---

<sup>2</sup> Marra aponta que ‘a maior concentração deste tipo de vendedores encontrava-se no Largo da Concórdia, principalmente, nas áreas próximas à Avenida Rangel Pestana. Devido à falta de qualificação, à ausência de patrão e à possibilidade de lucratividade, os nordestinos optam pelo trabalho de vendedores ambulantes. “Se, como afirma Hiakuna, o desemprego e as possibilidades de não mais ter patrão e de ascensão social configuram-se como as principais motivações na adoção do comércio ambulante como “profissão” por trabalhadores que em geral possuem baixa qualificação (HIKUNA, 2001:50), é natural que os migrantes nordestinos tenham ocupado sua posição, a partir da ascensão social dos italianos e sua consequente mudança para outros bairros da capital paulista” (MARRA, 2007:5).

<sup>3</sup> Estas informações provêm de pesquisa realizada por Della Mônica (1992:59-62 *apud* Marra, 2007: 6).

XVIII, camponeses analfabetos precisavam se comunicar por escrito com o governo para escapar do recrutamento do Exército sueco. Nesse caso, um intermediário crucial era o clérigo local, que servia como escriba (BRIGGS e BURKE, 2006: 40-41).

Uma abordagem deste mecanismo, relativamente atual, pode ser encontrada no filme *Central do Brasil*. Na produção de Walter Salles, a protagonista da trama, Dora - interpretada pela atriz Fernanda Montenegro - realiza a função de escrever cartas para as pessoas analfabetas na Central do Brasil, estação ferroviária do Rio de Janeiro. A escritora auxilia um menino - interpretado pelo ator Vinícius de Oliveira - que perdeu a mãe em um acidente de carro, a encontrar o pai que a criança não conhece. O pai do menino morra no interior do Nordeste. No longa-metragem de 1998, a personagem Dora trabalha na maior estação de trens do Rio de Janeiro. A Central do Brasil foi criada em 1858 e era denominada de Estação Dom Pedro II. O nome atual se deve à antiga ferrovia extinta em 1971 por decisão da Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA). A estação localiza-se na Praça Cristiano Ottoni, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

### Letra de Música

Retomando a análise da letra da música pode-se dizer que seu início dialoga com o aspecto de que as correspondências eram transportadas no fluxo de mercadorias. As rotas mercantis constituíam-se como formas de comunicação. Trata-se da *comunicação física* apontada por Briggs e Burke. Mas, também, percebem-se a comunicação escrita, por meio dos escritores públicos apontados anteriormente, e uma comunicação oral, uma vez que estes oferecem os serviços por meio da oralidade da fala e do canto.

Sem dúvida constitui uma tradição o fluxo de informações seguir o fluxo do comércio, pois os mercadores operando por mar ou por terra traziam novidades juntamente com a mercadoria. A própria impressão gráfica se difundiu na Europa pelo Rio Reno, da Mainz de Gutenberg a Frankfurt, Estrasburgo e Basileia. Nos séculos XVI, XVII e XVIII, as mensagens em papel seguiram a rota da prata - do México ou Peru para o Velho Mundo - ou a rota do açúcar - do Caribe para Londres. Nova nos séculos XVI e XVII é a evidência do aumento da consciência sobre os problemas da comunicação física (BRIGGS e BURKE, 2006: 31).

Assim, na primeira estrofe, percebe-se que há a prestação de um serviço de postagem, uma vez que o locutor viaja para a *Feira de Santana*, podendo realizar o transporte de informação bem como o de mercadoria. Neste contexto, ele pede para que os dados do destinatário sejam especificados com a finalidade de que o serviço seja efetuado com maior probabilidade de sucesso. A letra da música remete, também na primeira

estrofe, às condições de transporte mercantil: data de partida marcada e definida com antecedência; destino delimitado de forma explícita.

Eu viajo segunda-feira/Feira de Santana/quem quiser mandar recado/remeter pacote/uma carta cativante /a rua numerada/o nome maiusculoso/prá evitar engano/ou então que o destino/que se destrave longe./Meticuloso, meu prazer/não tem medida,/que chegue aqui na quinta-feira/antes da partida (ZÉ, 1978).

Percebe-se, neste trecho, como a informação é caracterizada como mercadoria. Este processo ocorre quando esta é tratada como pacote ou carta, mas também como recado. Deste modo, o fato de a mensagem poder viajar como os produtos faz com que ela adquira aspectos de concretude, mas também de fluidez, em um processo de maleabilidade. Outro aspecto que pode ser notado é a característica do meio de transporte que conduz as informações. Os trens a vapor são singulares pela pontualidade. Assim,

escreveu Benjamin Taylor em seu livro *The World on Wheels*, de 1874: “A locomotiva é uma educadora perfeita. Ela ensina a todos aquela virtude... que chamamos de pontualidade. Não espera por ninguém. Demonstra como é útil, na economia de coisas, aquela criatura denominada minuto” (BRIGGS e BURKE, 2006: 127).

A composição de Antônio José Santana Martins - popularmente conhecido como Tom Zé - apresenta, na terceira estrofe, uma corroboração à ideia defendida na primeira ao pedir exatidão de dados ao remetente para caso não haja a efetuação da entrega, esta possa retornar. A estrofe aponta, ainda, para o fato de o processo de envio de correspondência não apresentar praticidade no que se refere ao tempo, pois, indica que há a possibilidade de o destinatário ter morrido ou se mudado. Fatores que sugerem um período considerável de não comunicação entre remetente e destinatário, além de conduzir para questões como a demora e, quando o serviço é pago, para o custo do envio de mensagens que podem reduzir a periodicidade com que os sujeitos comuniquem-se desta forma.

Me dê seu nome pra no/caso de o destinatário/ter morrido ou se mudado/eu não ficar avexado/e possa trazer de volta/o que lá fica sem dono./Nem chegando nem voltando/ficando sem ter pousada/como uma alma penada (ZÉ, 1978).

O sistema postal relaciona-se ao aspecto de feira apresentado pela canção. Nas feiras, há a venda de mercadorias, o abastecimento e circulação de produtos, mas também o contato com as novidades, com as novas produções disponíveis no mercado. É neste sentido, que se correlaciona o mecanismo de feira às transmissões de mensagens. As

novidades podem ser também “as informações que vem de longe”, as notícias. As feiras assemelham-se aos entrepostos comerciais, à ideia de nomadismo, de localização ao longo das rotas, das estradas, dos caminhos de passagem o que implica a questão de constante movimento e de contato com a diversidade seja de produtos, de pessoas ou de informações. O transporte de dados apenas se torna possível com os investimentos em estradas.

A idade do “império do papel” havia chegado, juntamente com um sistema regular de transmissão de mensagens: o sistema postal, assim chamado porque envolvia o estabelecimento de postos com homens e cavalos estacionados ao longo de algumas estradas ou rotas de correio (BRIGGS e BURKE, 2006: 33).

Na quinta estrofe, o enunciador pede informações específicas para que haja a possibilidade de retorno da carta, pacote ou recado ao remetente, caso haja um imprevisto. Além deste aspecto, ressalta-se que a correspondência, nesta situação, retorna na semana definida do mesmo modo que foi enviada: fechada, lacrada. Isto em decorrência do mensageiro odiar fofocas e boatos, bem como bisbilhotice. Aponta-se para o caráter de confiança (de credibilidade) necessário quando se realiza transportes de qualquer natureza, mas principalmente de informação, uma vez que pequenas alterações podem gerar mudanças significativas no processo de contextualização e interpretação das mensagens.

Deste modo, a expressão “em cima do rastro” sugere tanto uma questão de rota de transporte e sua estabilidade de percurso, quanto para a questão da informação que não deve ser modificada durante a logística. Assim, a quinta estrofe constitui-se pelas construções: “de forma que não achando/o seu prezado parente/eu volto em cima do rastro/na semana reticente/devolvo seu envelope/intacto, certo e fechado./Odeio disse-me-disse/condeno a bisbilhotice” (ZÉ, 1978).

Os fatores temporais e de confiabilidade são recuperados com veemência, na sétima estrofe, por meio de uma argumentação que revela suas intencionalidades através do uso das expressões “estarei aqui na certa” e “palavra de homem racha, mas não volta diferente”.

Devido à informalidade do serviço, é preciso que o carteiro convença seus possíveis clientes de que é um homem de palavra, que não desviará a encomenda e nem terá preguiça em procurar o verdadeiro destinatário. Por isso afirma-se metucioso e que realiza o serviço com prazer. (MARRA, 2007:7).

É importante ressaltar, que mesmo a precisão temporal é um argumento que pode servir para fundamentar a credibilidade no serviço prestado, uma vez que a pontualidade está relacionada com o cumprimento de ações pré-estabelecidas, criando laços de confiança e uma sensação de segurança por parte da pessoa que se utiliza do serviço oferecido pelo personagem da música.

Se se der o sucedido/me aguarde aqui no piso/pois voltando com a resposta,/notícia, carta ou pacote/ou até lhe devolvendo/o desencontro choroso/da missão desincumprida/estarei aqui na certa/sete domingos seguidos/a partir do mês em frente./Palavra de homem racha/mas não volta diferente (ZÉ, 1978).

A música revela a relação entre transportes de mercadoria e de informações e a ideia de comunicação como transporte. “Somente em 1837, com a invenção do telégrafo elétrico (...), foi quebrada a tradicional ligação entre transporte e comunicação das mensagens” (BRIGGS e BURKE, 2006: 33). A composição abarca a relação entre transporte e consumo de mercadorias e informações (correspondências) associando fatores temporais, espaciais e de credibilidade que estes processos implicam. Assim, percebe-se que há uma confluência de fluxos tangíveis e intangíveis – mercadorias e informações – quando recursos tecnológicos ainda não podiam ser acessados e utilizados (como o telégrafo, o telefone ou, posteriormente, a internet).

Atualmente, os fluxos intangíveis podem ser encontrados nas vias virtuais de transporte de informação como o e-mail que possui uma utilidade semelhante à função do correio convencional. Os próprios termos relacionados à correspondência eletrônica fazem alusão à forma tradicional o que pode ser notado na expressão “caixa de entrada”, por exemplo, em que se pode identificar a caixa de correio ou caixa postal das residências e estabelecimentos.

Outras constatações, referentes à estrutura da música e a forma como esta é construída como um tipo de publicidade, encontram-se na verossimilhança que a canção propõe em um processo de aproximação do modo de dizer típico nordestino.

o carteiro utiliza-se de formas bastante particulares de oralidade nordestina para desenvolver o seu pregão. Em primeiro lugar, podemos notar os termos por ele utilizados. São neologismos, como *maiusculoso* e *desincumprida*, cunhadas a partir de dedução intuitiva das regras formais de emprego de radicais, no início ou fim das palavras. Outras marcas do falar e da entoação nordestinas presentes na canção são os floreamentos e imagens poéticas forjados a partir de imagens simples e do cotidiano destes cantadores (MARRA, 2007: 9) (grifos do autor).

No que se refere ao caráter musical e, portanto, da oralidade a música apresenta traços da embolada<sup>4</sup>, o que se relaciona com os repentes nordestinos, disputas musicais entre cantores em torno de um mote que ocorrem em ritmos acelerados. Em *Correio da Estação do Brás* - um pregão - percebe-se a presença dos dois aspectos musicais nordestinos mencionados anteriormente. “A adoção da embolada e do repente em sua constituição, conforma-se como meio de aproximação e persuasão do ambulante com relação aos potenciais consumidores do serviço ofertado” (MARRA, 2007: 9). O autor explica que o carteiro atrai nordestinos pobres e analfabetos, o público-alvo do prestador de serviços, que se identificam com a linguagem utilizada na canção.

Outra estratégia de persuasão utilizada é o mecanismo da embolada. Este processo ocorre por que esta exige rapidez de pensamento, um vocabulário amplo e pressupõem habilidades e competências para elaboração de textos. O resultado é a produção de um anúncio satisfatório, uma vez que se revela direcionado, apresenta e especifica os serviços prestados e as condições de realização dos mesmos. Retomando as relações entre *comunicação física*, oral e escrita, o pregão apresenta a confluência das três. A publicidade do carteiro possui como moldura um ambiente de tráfego intenso, “de chegadas e de partidas”, marcadas por veículos de transporte, por comércio de mercadorias, mas também se caracteriza pelo canto que deve ser forte para tentar suplantar o contexto de barulho e de constante movimentação. O serviço realiza-se na escrita e conclui-se na entrega ou devolução da carta.

## Considerações Finais

A comunicação pode ser encontrada em todas as esferas de vivência, de modo, que analisar produtos culturais que retratam formas de comunicação – como o “correio gratuito” – constitui uma metalinguagem. Neste processo, é necessário considerar os aspectos históricos e políticos, assim como os contextos sociais e as influências das condições de produção em que se encontram o objeto de análise da pesquisa. É neste sentido que se realizou esta análise.

Entretanto, deve-se considerar que muitas implicações e vertentes relacionadas ao assunto não foram trabalhadas neste estudo, em decorrência de fatores temporais. Mas a

---

<sup>4</sup> Define-se embolada como “processo rítmico utilizado pelos cantadores no improviso de seus pontos, entoados em “andamento rápido, onde abundam as notas rebatidas, e construída num ‘perpetuum mobile’ ‘movimento perpétuo’ em semicolcheias” (ANDRADE, 1999: 200 apud MARRA, 2007: 9).

proposta do artigo de abordar um fragmento da História da Comunicação – o correio, e mais especificamente, o “correio gratuito” como componente importante do cenário cultural brasileiro, presente em produções audiovisuais e em músicas como a composição de Tom Zé, *Correio da Estação do Brás*, que serviu de objeto de análise da pesquisa – em relação com os aspectos tecnológicos (desenvolvimento de locomotivas e expansão de estradas de ferro) e espaciais e culturais de uma região (o Bairro do Brás, em São Paulo, em períodos históricos distintos) foi realizada considerando-se que a prática de comunicação parte da premissa de transmissão de dados que em algumas ocasiões são transportados em conjunto com mercadorias, confundindo-se com pacotes e encomendas, mas não perdem o caráter informacional, assim, a carta precede o jornal impresso, um dos principais meios de comunicação da história.

Neste sentido, também se encontram, na música, particularidades da informação que podem ser identificadas no cenário atual dos setores comunicacionais, principalmente, no que diz respeito à área do jornalismo. Deste modo, podem ser citados os caracteres de novidade e de atualidade que a informação deve possuir; a credibilidade e a confiança que os responsáveis pelo manuseio deste produto cultural devem apresentar e a necessidade de entrar em contato com o fluxo de informação por meio da busca desta, no que se considerou chamar “correr atrás da notícia”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MARRA, Pedro Silva. *Correio da Estação do Brás*, Paisagem Sonora de uma rua de comércio popular em São Paulo, 1978. Artigo apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1399-1.pdf>>. Acesso em: 09 de abril de 2012.

MARTINS, Antônio José Santana. *Correio da estação do Brás*. Ano 1978. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/tom-ze/164877/>>. Acesso em 29 de março de 2012.

McQUAIL, Denis. *Teoria da comunicação de massas*. Tradução: Carlos de Jesus. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

SALLES, Walter. *Central do Brasil*. Europa Filmes, Brasil, 1998, 113min, ficção.

SERRA, J. Paulo. *Manual de Teoria de Comunicação*. Covilhã: livros Labcom, 2007. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/livroslabcom>>. Acesso em: 09 de abril de 2012.

SILVERTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ZÉ, Tom. *Correio da Estação do Brás*, São Paulo, Continental, 1976.